

O OLHAR DAS PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS SOBRE SUAS PRÁTICAS E SABERES

ANA PAULA GOULART BONAT¹; JENICE TASQUEDO MELLO²

¹IFSul – ana_paula_bonat@hotmail.com

² IFSul– jmello118@gmail.com–orientador

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho exponho uma pesquisa de práticas de oito professoras dos anos iniciais do ensino fundamental de duas escolas da rede pública de Pelotas, que atuam em média a mais de 20 anos em sala de aula. Essas professoras despertaram meu interesse investigativo para suas práticas, não quaisquer práticas, porém aquelas que, ao longo de sua docência, vêm sendo utilizadas permanentemente em sala de aula. Interessa-me tentar compreender o que as professoras pensam e dizem sobre o que fazem e como fazem.

Cabe ressaltar que as práticas foram escolhidas pelo fato de serem consideradas, por essas professoras, como sendo facilitadoras da atividade docente e que, portanto, acabaram por tornarem-se permanentes.

Considerando que o estudo das práticas realizadas por professores experientes e suas problemáticas pode favorecer a uma teoria sobre a atuação em sala de aula, apoio-me em TARDIF (2002) que defende uma “epistemologia da prática”. Nessa epistemologia da prática o autor considera que deve haver um saber teórico do ensino e parte desses saberes/conhecimentos seja tirado justamente pela investigação das práticas realizadas em sala de aula pelos professores experientes, e que ocorra a pesquisa para sua comprovação científica.

Este estudo tem como principal referencial teórico os trabalhos TARDIF (2002), TARDIF e LESSARD (2011), CUNHA (2010), GAUTHIER (2006) e NÓVOA (1997), que abordam o tema do Trabalho docente, Práticas de professores, Saberes docentes, Formação de professores.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa está inserida no campo da análise qualitativa MINAYO (2010).

A primeira etapa do trabalho foi o contato com as escolas da rede pública cujo critério de escolha foi à disponibilidade da direção em me acolher como pesquisadora, bem como a disponibilidade das professoras em aceitar a colaborar com a pesquisa proposta, além da facilidade de acesso que tinha a essas escolas.

No trajeto metodológico optei por uma conversa com as professoras sobre suas práticas e uma breve observação de seu ambiente de trabalho (sala de aula e escola). A segunda etapa foi à aplicação do seguinte questionário aos professores:

- 1) Que práticas (atividades, didáticas) utilizas constantemente em sala de aula desde o início de tua docência e manténs até hoje? Por quê?

- 2) Encontras dificuldade ou encontraste dificuldades em realizá-las? Quais? Por quê?
- 3) Consideras que algumas de suas práticas (atividades, didáticas) melhoraram no decorrer do teu fazer pedagógico? Se sim, que aspecto tu consideras que contribuiu para essa melhora?

Posteriormente parti para a organização e análise das informações. Distribui as respostas das professoras em uma tabela, selecionei as praticas citadas, as justificativas das mesmas, as dificuldades e as considerações da melhora ou não de suas práticas. Assim as categorias aos poucos foram se constituindo, são elas: práticas de leitura, utilização de material concreto, formação continuada e experiência profissional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todas as professoras relataram que, sim, existem práticas permanentes em seu trabalho, embora a maioria das professoras tenha encontrado alguma dificuldade em determinado momento de sua carreira ao tentar executá-las. Faço a consideração “a maioria”, porque somente uma professora relatou que não teve dificuldade ao longo de sua carreira.

As práticas que foram citadas pelas professoras como permanentes foram praticas de leitura (a utilização de livros de literatura infantil, leitura individual e coletiva em sala de aula, produção de texto coletivo, trabalhos e atividades com letras de musicas e poesias) e de material concreto (utilização de jogos didáticos e sucatas, bem como de material dourado. Todas as professoras consideram que no decorrer dos anos suas práticas melhoraram e consideram também, em sua maioria, mais precisamente sete das oito professoras, que a formação continuada e a experiência, foram um fator importante nisto.

Dentre as dificuldades nomeadas para execução das práticas está à dificuldade cognitiva e física dos alunos, falta de recursos para atendê-los, falta de material, salários baixíssimos para os professores, pouca estrutura das escolas públicas para realização de oficinas pedagógicas, imaturidade das crianças que chegam cada vez mais cedo à escola. Em suma, recursos nem sempre estão disponíveis na escola e em certos momentos inclusive o espaço físico pode se tornar um obstáculo.

4. CONCLUSÕES

Com as respostas das professoras que atuam ao um tempo considerável na rede pública, percebi que ocorre sim a permanência de certas práticas e que vários fatores, como os citados acima, podem contribuir para uma repetição destas de forma pouco criativa. No entanto, no meu entender, isso não impede que as práticas sejam feitas e não destoa de forma significativa o ato de ensinar, pois os professores sabem da importância de suas práticas.

No relato das professoras pude perceber também diversos saberes engendrados em suas práticas e mobilizados por elas. Com relação a esses saberes utilizo TARDIF (2002), que os classifica tipologicamente em saberes da formação profissional, saberes curriculares, saberes disciplinares e saberes experienciais.

Para o autor a pluralidade dos saberes e, eu diria a mistura entre esses saberes, definem o saber da prática "... como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais" (TARDIF 2002, p. 36).

Uma das professoras investigadas destaca a tecnologia como sendo aliada. Os aspectos que ela relatou destacam essa pluralidade de saberes e o avanço tecnológico. Ela não citou práticas ou prática específica, no entanto ressaltou que as práticas antigas foram ganhando a tecnologia como aliada.

Porém a pergunta que fica para mim e que talvez seja a continuidade deste trabalho é que modificações ocorrem nas práticas permanentes sem serem percebidas por elas, as professoras?

Essa questão é levantada no trabalho LEMOS et al. (2010) ao ressaltar que:

tem-se a impressão de que certas competências e habilidades são frutos do acaso ou apenas do ativismo pedagógico, deixando de se perceber todo um conjunto de saberes 'subsunçores' que funcionam como ferramenta fundamental na orientação desta prática. Ou seja, o que importa neste processo de instrumentalização docente não é percebido pelo docente (LEMOS et al, 2010, p. 32)

Acredito que muitas variáveis acontecem dentro de uma sala de aula, afinal lidamos com seres humanos com imensas e infinitas complexidades. Os anos de exercício e de práticas narradas pelas professoras revelaram que os saberes foram alicerçando-se e ao mesmo tempo pluralizando-se. Pode-se usar uma mesma prática durante muitos anos e aperfeiçoá-la, como foi encontrado nos relatos, em sua maioria.

Com relação aos cursos de formação de professores ressalto que o pensar sobre a prática e a própria prática em si, deve ir além dos estágios propostos, pois "essa lógica impede que o ensino assuma os princípios da pesquisa como referente. O estudante não faz a leitura da prática como ponto de partida para a construção da dúvida epistemológica" (CUNHA, p.137, 2010). Então ocorre o que Tardif (2002) chama de "choque de realidade" (p.87) e que é muito bem explicado por CUNHA (2010) "trata-se do impacto que sofre o professor iniciante quando enfrenta, pela primeira vez, a prática escolar e docente (...)" (p.137).

As leituras e reflexões sobre um ensaio/tentativa da epistemologia da prática, tal como defende o referencial teórico que norteou esse artigo, foram de grande importância para mim propiciando profundas ponderações sobre minha própria prática e o quanto posso inová-la em sala de aula bem como dar continuidade a esse estudo.

Portanto, creio que essa investigação atendeu seus objetivos, ou seja, saber quais práticas permaneciam ao longo da docência e como os professores se relacionavam com elas (as variáveis), e que saberes eram oriundos dessas práticas. Considero como essencial o que ela me propiciou que foi a reflexão sobre práticas e saberes tão importantes para pensar a educação básica onde atuo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Maria Isabel Da. **Lugares de formação:** tensões entre a academia e o trabalho docente. Coleção didática e prática de ensino convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: didática formação docente trabalho docente, 2010. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/temporários/rp-dialogo.pdf>> Acesso em: 04/04/2015.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente.** 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

LEMO, Elson de Souza et al. **Currículo e formação docente:** saberes da práxis pedagógica do professor da educação infantil. In: TENÓRIO, 2010. 326 p. ISBN 978-85-232-0675-8. Disponível em: <<http://www.creasp.org.br/biblioteca/wp-content/tenorio-9788523206758.pdf>>. Acesso em: 11/05/2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais)

NÓVOA, A. **Os professores e a sua profissão.** Lisboa: Dom Quixote 3 ed. 1997.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O Trabalho Docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Trad. de João Batista Kreuch. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.